

Memória descritiva do logótipo

Uma das principais características do Pastorinho Francisco Marto era a dimensão contemplativa e a ânsia que tinha em “consolar Nosso Senhor”. A irmã Lúcia descreve na Quarta Memória: “o Francisco era de poucas palavras”. A sua “imagem de marca” era por assim dizer o pífaro, elemento que facilmente associamos ao Francisco. Como disse Santo Agostinho: *“Qui cantat, bis orat”, quem canta, reza duas vezes*, e para o Pastorinho a música foi a forma mais natural que descobriu para se expressar. A sua silhueta aparece assim em primeiro plano, identificado pelo barrete típico e pelo pífaro orientado para o céu.

O elemento de fundo deste logótipo é o sol, visto ser o astro preferido do Francisco, a “candeia de Nosso Senhor” como ele lhe chamava. É também uma tentativa de ilustrar o mistério presente naquele célebre testemunho *“Nós estávamos a arder, naquela luz que é Deus, e não nos queimávamos. Como é Deus!!! Não se pode dizer?”*, assim o Francisco aparece como que imerso na luz do sol.

O sacrário da igreja paroquial de Fátima junta-se às restantes notas que saem do pífaro, como se este tocasse sobre aquilo que o maravilha. O Francisco chegou mesmo a faltar à escola para ir ter com “Jesus escondido”. Assim as notas que saem do pífaro apontado ao alto, sobem até Deus como uma nuvem de incenso em sinal de adoração.

No espaço vazio onde se cruzam os braços do Beato vislumbra-se a silhueta de uma ave de asas abertas, em alusão ao respeito que nutria pelos animais, sobretudo pelos passarinhos que tanto gostava de ver em liberdade.

Rui Mendes



Das Memórias da Irmã Lúcia

Lá ia [Francisco], à noite, esperar-me com a sua irmãzinha, mas parecia ir mais para lhe fazer a vontade que por amizade. Iam esperar-me no pátio de meus Pais. E enquanto a Jacinta corria a meu encontro, logo que sentia os chocalhos do rebanho, ele esperava-me sentado nuns degraus de pedra que havia em frente da porta de casa. Depois, lá ia connosco, para a velha eira, a brincar, enquanto esperávamos que Nossa Senhora e os Anjos acendessem as Suas candeias. [O Francisco] Animava-se também a contá-las,

mas nada o encantava tanto como o lindo nascer e pôr-do-sol. Enquanto deste se avistava algum raio, não investigava se já havia alguma candeia acesa.

– Nenhuma candeia é tão bonita como a de Nosso Senhor – dizia ele à Jacinta que gostava mais da de Nossa Senhora, porque, dizia ela, não faz doer a vista.

E entusiasmado seguia com a vista todos os raios que, dardejando nos vidros das casas das aldeias vizinhas ou nas gotas de água espalhadas nas árvores e matos da serra, (os) faziam brilhar como outras tantas estrelas, a seu ver mil vezes mais bonitas que as dos Anjos.

Quarta Memória da Irmã Lúcia

No que ele [Francisco] se entretinha mais, quando andávamos pelos montes, era, sentado no mais elevado penedo, a tocar o seu pífaro ou a cantar. Se a sua irmãzinha descia para comigo dar algumas corridas, ele lá ficava entretido com as suas músicas e cantos. O que ele cantava com mais frequência era: Amo a Deus no Céu, Amo(-O) também na terra, amo o campo, as flores, amo as ovelhas na serra (...).

Quarta Memória da Irmã Lúcia

O que mais o impressionava [Francisco] ou absorvia era Deus, a Santíssima Trindade, nessa luz imensa que nos penetrava no mais íntimo da alma. Depois, dizia:

– Nós estávamos a arder, naquela luz que é Deus, e não nos queimávamos. Como é Deus!!! Não se pode dizer! Isto sim, que a gente nunca pode dizer! Mas que pena Ele estar tão triste! Se eu O pudesse consolar!...

Quarta Memória da Irmã Lúcia